

ESCOLA PÁRA POR TRÊS DIAS

GREVE NAS BELAS-ARTES METE LUTO E FESTA

Um ambiente de luto e vôlório inundava esta manhã os corredores gelados e vazios da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. As numerosas estátuas de gesso ou de pedra que costumam dar vida àquela escola de ensino artístico estavam hoje tapadas com plásticos negros atados com cordel. Uma passageira preta subia a escadaria do velho edifício, recordando-se, num e noutro recanto, em figuras sugestivas de mortos.

«Estamos a fazer um vôlório, pois queremos acabar de vez com os problemas velhos da escola», disse a «A Capital» Maria Paula Colaço, da Associação de Estudantes da ESBAL, justificando aquelas «instalações» a acompanhar a greve que hoje ali começou e se prolongará por três dias, em protesto pelas deficientes condições de ensino. «Põe-te a Pau» é o título do comunicado em que os alunos dos cursos de «Design» e Artes Plásticas da ESBAL anunciam que decidiram preencher o período de paralisação na escola de uma forma pouco comum: como artistas que são, promoveram um animado programa cultural, que extravasa as paredes da escola. Assim, esta tarde, os alunos em greve, com o apoio do curso de Arquitectura, que resolveu também aderir, e com os alunos do Conservatório Nacional, irão pintar para o Chiado, a fim de alertarem a população para os seus problemas.

Por outro lado, amanhã, de manhã, haverá na escola sessões sucessivas de música, teatro e mímica. A Associação de Estudantes apela para que «se consiga uma paralisação sem confrontos pessoais», convidando todos os alunos daqueles cursos a participarem na «luta».

«A nossa ideia é impedir alegremente que as aulas funcionem, quer fazendo repetidos desfiles barulhentos dentro do espaço interior da escola quer tocando tambores ou outros objectos «musicais» — diz a direcção da Associação, num comunicado distribuído esta manhã com o título «Põe-te a Pau».

Entretanto, amanhã, à tarde, está preparada uma actividade séria sobre as causas que levaram à greve. Assim, decorrerá um debate entre alunos, professores e — caso tenha aceite a proposta formulada pela direcção da A.E. e esteja presente — o

ministro da Educação. Nesta reunião deverão ser também apresentadas as conclusões de um inquérito promovido na escola e que deram origem à actual paralisação. Além, as conclusões do inquérito estão devidamente afixadas nas paredes, bem como documentos esclarecedores sobre as reivindicações dos grevistas.

«Embora saturados de palavras sem concretização factual, não nos demitimos de lutar por uma escola melhor», pode ler-se na carta, igualmente afixada, nos os estudantes escreveram ao ministro.

De resto, os cartazes, em letras bem gorias e vermelhas, intercalados entre as obras de arte que se espelham nas paredes da escola, são bem elucidativas das intenções dos alunos. «Queremos sangue novo», diz um deles. E outro, ao lado, lembra: «As obras fazem-se no Verão».

De facto, os estudantes queixam-se de que «desvios efectuados a todos os níveis pelos órgãos de gestão de há uns anos e esta parte levaram ao caos e à falta de controlo da qualidade do ensino, nomeadamente desvios ao plano do curso estabelecido por cada cadeira».

A par da degradação das instalações — que tomou proporções alarmantes —, os estudantes lamentam-se de que têm de ter aulas à luz de vela, não podem utilizar as máquinas da disciplina de Tecnologia de apoio às nucleares e não têm cantina há três anos porque não existe um quadro geral de distribuição de energia eléctrica adequado aos sofisticados equipamentos que foram instalados na escola e que, afinal, não podem funcionar.

Por outro lado, exigem colocação de professores e técnicos especializados, de pessoal auxiliar e de limpeza.



Maria Paula Colaço, ladeada por dois outros estudantes da ESBAL, explicam ao nosso jornal as razões que os levaram à greve que decorre naquela escola de ensino artístico

Protestando contra as obras em curso, que fazem parar aulas de certas cadeiras e não dão ambiente de estudo, os estudantes lutam pela integração na Universidade e defendem que as escolas de Arquitectura, Belas-Artes e Conservatório deverão ter um estatuto próprio, integrando-se numa Universidade de Ensino Artístico.

A greve termina na quinta-feira, com um desfile pelas ruas de Lisboa, a partir das 10 horas.

Manifestação nacional de Letras

Os estudantes de Letras poderão realizar uma manifestação nacional em Lisboa, caso o ministro da Educação não os receba até ao próximo dia 21, informou ontem um membro da Comissão Coordenadora de Estudantes.

Manuel Lof, da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras do Porto, revelou à Lusa que a resposta ao pedido de audiência tem de ser

dada em tempo útil, o que para os estudantes significa até dia 13.

Entretanto, a lista C ganhou as eleições para a direcção da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa, obtendo 944 votos contra 717 da lista A, informou hoje a associação.

A lista C é encabeçada por Carlos Lobo, que pertencia à anterior direcção e se tinha pronunciado desfavoravelmente quanto ao processo de luta conduzido pela Comissão Coordenadora de Estudantes da faculdade.

Conflitos - Estudantes - Ensino Artístico
Esc. sup. Belas Artes